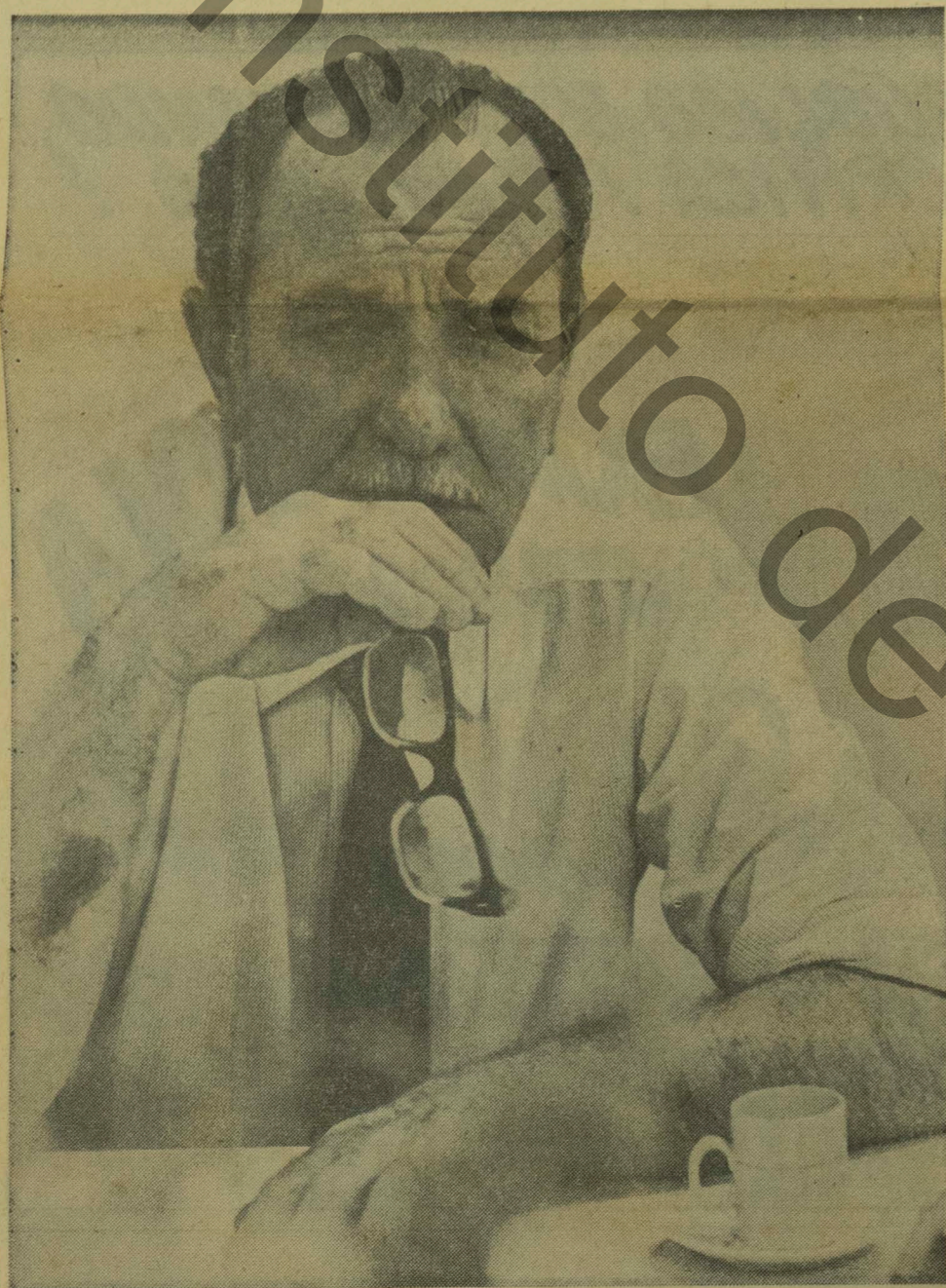


# AUGUSTO RODRIGUES, A HORA DO VERSO

GILSE CAMPOS



No Largo do Boticário, ele vive há mais de 10 anos. Ele, os passarinhos, os amigos. O melhor lugar para quem "viver e fazer arte são uma coisa só." Porque o caricaturista, o jornalista, o pintor, o educador e o desenhista Augusto Rodrigues agora virou poeta: "São tão meus/ Os versos que te mando/ Que espero não perguntes/ A que os leva/ Quem os mandou."

A primeira providência foi levar Chico para perto da rede, na varanda. Chico, o corrução amarelo e preto, de bico alongado, que sai da gaiola e fica brincando por ali, sobre os pratos vazios de sorvete, "de todos eles (são 45 passarinhos), este é o único que não foge." Enquanto se balança, Augusto Rodrigues tenta recompor um pouco da sua vida, os tempos de moleque briguento em Pernambuco, a raiva da escola, a fuga de casa, os primeiros passos em arte, "isso em 34, quando a gente pintava paredes para viver, porque só os menos avisados apareciam em nossas exposições de pintura e desenhos."

Cinquenta e sete anos de vida, quase todos dedicados à arte, passando do desenho à caricatura em jornal, "aliás uma coisa me espanta, eu fiz tantos anos de caricatura e pouca gente sabe disso. Mas isso também não quer dizer nada, nunca vi gente pra esquecer tanto como o brasileiro." Depois, a pintura, a função de educador (através da Escolinha de Arte), um pouco de fotografia, uma passada rápida pelo teatro, "fiz o mudo, numa peça de Ionesco — *As Cadeiras* — com Luís de Lima. Por sinal, achei duro como o diabo." E agora, a poesia.

— Eu já realizei muita coisa, mas estou sempre querendo retificá-las e fazê-las melhor. Nada do que eu fiz acabou, nem sou do tipo a aceitar a pergunta idiota de se sou homem realizado. O que sou, é uma pessoa buscando incessantemente uma forma de viver melhor e fazer melhores coisas e sempre achando que ainda falta muito. E me irritando, às vezes, quando, em vez de faltar,



A lenta transformação da mulher em gata. A essência do brasileiro, na concepção de Antônio Carlos, filho de Augusto, que está expondo seus trabalhos no Museu de Arte Moderna. Antônio Carlos é quem ilustra o livro de seu pai

JB 14-1-7

há alguma coisa que sobrou. Porque um grave problema na vida é você fazer coisas que tenham rebarbas. O ideal é que elas terminem, enxutas.

## A ESSÊNCIA DO ARTISTA

O pernambucano, "não, agora eu sou mesmo é cidadão do Largo do Boticário", anda meio adoentado, estômago ruim, "já opereí duas vezes, e sempre na transfusão de sangue pego uma doença. Primeiro, a malária, depois a hepatite. Desconfio que vou morrer de convalescença."

Dai o relativo afastamento da boêmia, que o levava mesmo a se desentender com as pessoas que viviam de dia, "e admito até que os burros durmam mais do que os inteligentes." Mas garante que o estômago não o fez perder a abertura da noite, "eu apenas mudei o ritmo. O importante, é a gente preservar o que é em essência."

Porque a vida, para ele, é uma procura desesperada dessa verdade essencial, que é presente escondida no íntimo de cada pessoa, de cada objeto.

— Não sei o homem que sou, mas a busca intensa é uma fidelidade a tudo que considero fundamental. E para que esse fundamental tenha sentido, é preciso que muitas atividades sejam desenvolvidas, que se especule.

Por isso ele pintou, desenhou, fotografou, e agora também faz poesia, "são várias formas de dizer uma coisa só. Quando você dá, no quadro, uma síntese, mesmo que seja através de uma simples maça sobre uma toalha, você está dando a sua visão do mundo. E nas várias formas em que você se manifesta, continua exprimindo aquilo que você é intrinsecamente. Tudo o que o artista faz é ele mesmo."

## A MARCA DA EDUCAÇÃO

A inquietação, a especulação, marcam a vida deste homem de gestos lentos e nobres, uma calma lúcida de quem já chegou a um domínio amplo de si. Estudou pouco, porque quando entrava na escola já era expulso, "não era eu que me revoltava contra a instituição, ela é que não me aceitava." Mas a leitura, mesmo desordenada, o levou a entender muita coisa. Inclusive, que ninguém tem uma só imagem, e que as pessoas mudam e se exprimem de formas diferentes, conforme o momento e a situação.

— A caricatura foi fundamental durante muito tempo. Era o meu instrumento para manifestar a insatisfação diante do nazismo. Depois ela foi perdendo a importância, quando descobri que através da arte era possível dar uma dimensão diferente à educação, e que assim estaria contribuindo para a melhoria do homem. Foi quando fundei a Escolinha de Arte, que não é uma escola institucional, é um movimento que defende o exercício livre de criatividade e da educação.

O símbolo de uma revolta contra a educação rígida e limitadora da criação, "acho que nem os livros seriam necessários, se a educação fosse verdadeira."

## A VOZ DA ARTE

O segundo andar da casa que fica logo na entrada do Largo é todo dele. Muitos quadros, objetos, esculturas, um lugar onde fazer e viver arte se confundem. Faz lembrar a frase de Picasso, "a arte começa quando a personalidade aparece." Ele prefere não comentar.

— Depois eu te dou um texto que escrevi sobre arte, porque simplifica, sabe? De vez em quando eu me sinto mais espectador, porque às vezes, quando falo, fico parecendo aquele sujeito que dormia fora de casa para não dormir com ele mesmo. Por quê? Porque falar não é importante, se bem que às vezes seja necessário para comunicar coisas. Fazer é que é fundamental para mim.

No papel, ele tinha escrito: "A arte é a expressão mais forte de originalidade de cada cultura. Sem apoio e inspiração da arte, a técnica, que é a força dominante em nossa época, poderá apagar as diferenças culturais, promovendo um nivelamento que em vez de ajudar a paz pode prejudicá-la, sobrepondo aos valores específicos do homem os interesses da máquina, do lucro, do poder e da dominação, lançando grupos, classes e nações, uns contra os outros. O segredo da arte, como fonte de cultura, é que ela se diversifica, unindo; cada uma de suas manifestações corresponde a uma faceta do homem, e todas elas reunidas formam a imagem do homem todo. Daí por que as artes se chamam entre si, e por que cada cultura se interessa pelas outras culturas."

## A FÔRÇA DA SOLIDÃO

Na casa do Largo, ele vive só (o casal de filhos mora em Paris). Mas os amigos estão sempre lá, principalmente à noite, "rouban-

do o barulho do meu rio." E, durante o dia, algumas pessoas trabalham no jornalzinho *Arte e Educação* (já no segundo exemplar), com o qual Augusto pretende "manter o público informado das tendências atuais da educação, inspiradas nos ideais de liberdade e criatividade, a serviço da paz."

Mas a solidão tem a sua importância.

— Na medida em que o artista é só é que ele se comunica com os outros. Quando ele não é só, ele é como comedor de croquetes em embaixada, quer dizer, está em todas. O ato de criar é solitário, mas só como partida, porque arte, você a faz para todo o mundo. E assim mesmo, quando você está só, você tem imagens que são de outros, você sofre influências. É uma solidão povoada.

## A CASA DO LARGO

Os poemas, que ele vai lançar em livro ilustrado por seu filho Antônio Carlos, começaram a aparecer há uns seis meses.

— O ato de fazê-los, de escrevê-los, de perpetrá-los, é um ato novo, sim. Mas eu sempre vivi rodeado de imagens que não vinham ao papel, mas que poderiam vir. É curioso, notei que também na poesia eu escolhi os mesmos temas do desenho, da fotografia, ou pintura. Foi quando me dei conta de que sou sempre o homem de uma nota só.

O livro tem nome: *Largo do Boticário*. Muito simples.

— No fundo, todos os versos foram feitos aqui. O Largo é generoso pra mim, já me deu tanto que não custa que eu dê o nome do livro a ele. Nada é tão reconfortante para mim do que o Largo, que eu governo aqui da varanda. E o bom é que ele não tem história, se renova todos os dias. E a minha relação aqui é ideal, porque é com a natureza.

Nas fotos que ilustram o livro, Antônio Carlos ("eu vim passar o Natal, e resolvi fazer o trabalho, porque adoro a poesia do meu pai") desenvolve a seqüência de uma mulher, que passa por vários processos, até transformar-se em um gato. Ele explica:

— Eu quis demonstrar a essência do brasileiro, que pode ser tudo, é elástico.

O livro sai dentro de poucas semanas, e ele espera, satisfeito, "já que fiz, quero ver publicado." Enquanto isso, cuida da Escolinha, pinta, recebe amigos e toma muito sorvete, seguindo o conselho de Paulo Mendes Campos: "Fique bom do figueiral figueiredo, que é um órgão essencial à poesia."